



Nhanhoty (vamos plantar): a agricultura Mbyá Guarani, seus ciclos e ritos vão além da subsistência, são parte de sua re-existência

Nhanhoty (let's plant): the Mbya guarani agriculture, their cycles, rituals, go beyond subsistence, are part of their existence

RAVAGNANI, Marialina Clapis¹; KATUTA, Ângela Massumi²; ATAB, Michele Christina Reboli³

¹ Universidade Federal do Paraná, maclara@ufpr.br; ² Universidade Federal do Paraná, angela.katuta@gmail.com; ³ Universidade Federal do Paraná, mchrisatab@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Ancestralidades, terra e território

Resumo: A agricultura Guarani Mbya vai muito além da simplicidade do alimentar-se. Não se trata de uma prática agrícola circunscrita apenas à sua subsistência. Os plantios de suas sementes ancestrais (*etei*) garantem a continuação de sua cultura, de seus ritos, mitos, ciclos e seus modos de estar e ser no mundo, vinculados aos seus modos de existir no planeta. A atual pesquisa busca refletir sobre o trabalho que é realizado na aldeia Mbya Guarani Araça'í, em Piraquara, região metropolitana de Curitiba, Paraná, com o grupo de pesquisa da Universidade Federal do Paraná, setor litoral, "Geografando os Territórios". Através de levantamento e revisão bibliográfica, pudemos nos situar e compreender melhor a cosmovisão guarani acerca dos alimentos e do plantio de suas roças.

Palavras-chave: soberania alimentar; povos indígenas Mbyá Guarani; agroecologia; território; sementes ancestrais.

Introdução

O objetivo inicial da pesquisa foi identificar e fazer revisão bibliográfica da produção científica sobre a soberania alimentar dos indígenas Mbya Guarani que habitam a Serra do Mar e adjacências.

Após idas a campo e estudo junto ao grupo de pesquisa, com a preocupação de analisar a cultura das roças guarani e a situação alimentar dos Mbya Guarani da aldeia Araça'í, em Piraquara – PR, foram levantadas referências bibliográficas que permitiram ter uma visão mais ampla no que tange às relações entre a cosmovisão e a agricultura guarani, suas sementes, cultivares sagrados para seu povo. Desse modo, verificamos que ela vai muito além da subsistência, possui significados muito mais abrangentes os quais discutiremos mais à frente.

A soberania alimentar das aldeias Mbya Guarani foi um tema que suscitou interesse na vivência que tivemos com a aldeia Tekoa Kalipety, Terra Indígena Tenonde Porã, localizada na região metropolitana de São Paulo, na Serra do Mar. Essa vivência possibilitou observar que a agricultura Guarani é muito rica, pois deriva da cultura e cosmovisão desses povos que ainda resistem, mesmo após 500 anos de colonização/invasão e contato com os *juruás* (não indígenas – aqueles que têm pêlo em volta da boca).



A retomada da alimentação tradicional Guarani, através das trocas de cultivares com outras terras e povos indígenas, e o interesse e práticas pela agroecologia e agrofloresta passou a ser um tema que estudamos. Ao longo dos séculos, os povos originários têm feito práticas que atribuímos a um nome de “*juruá*”. Mas olhar para os seus etnoconhecimentos nos mostra que os mesmos têm muito a nos ensinar.

Apesar de serem um dos primeiros seres humanos na América do Sul a praticar o que hoje chamamos de agroecologia e viverem sob a cosmovisão e os hábitos naturais de uma agricultura livre de químicas e muita intervenção, os povos indígenas são ainda pouco mencionados e ouvidos sobre o seu modo de viver e criar alimentos para re-existência - conceito este utilizado por Carlos Walter Porto Gonçalves (2021) que defende que mais do que existir eles re-existem – reinventam suas existências, condição para a manutenção dos seus modos de vida.

O próprio termo, a palavra “agroecologia” é excludente daqueles que vêm ao longo dos séculos baseando sua sobrevivência na relação de respeito total aos outros elementos da natureza, seus ciclos e criação, e conhecimentos que revelam a melhor forma de viverem sob a benção de *Nhanderu* e conforme seus hábitos. “Agroecologia” é um termo cunhado pela visão eurocêntrica de ciência e saber, mas a melhor forma de se fazer é aprendendo com aqueles que sobreviveram tanto tempo e que guardam tanta sabedoria sobre esse território, sem agredi-lo.

A valorização do conhecimento tradicional e seu resgate ajudam à ciência moderna a suas áreas, tendo o entendimento das sementes, do solo, das matas e entender as formas que os indígenas usam e se relacionam para manejar os recursos naturais disponíveis em suas variações. Essas informações abrem o leque de possibilidades para rever os conceitos dos múltiplos manejos agroecológicos em outras áreas, facilitando a produção sem dependência de energia e não utilizando insumos agrícolas de origens químicas, poluidoras e degradadoras do meio ambiente. (KRIEGEL, 2014, p. 213).

Segundo Caporal e Costabeber (2004), a opção pela terminologia “agricultura de base ecológica”, dentre os conceitos agroecológicos, tem a intenção de distinguir os estilos de agricultura resultantes da aplicação dos princípios e conceitos da Agroecologia (estilos que, teoricamente, apresentam maiores graus de sustentabilidade no médio e longo prazos), tanto do modelo de agricultura convencional ou agroquímica que, reconhecidamente, é mais dependente de recursos naturais não renováveis e, portanto, incapaz de perdurar através do tempo (CAPORAL e COSTABEBER, 2004 apud KRIEGEL, AZEVEDO e SILVA, 2014, p. 213).

Metodologia

A presente pesquisa foi baseada na metodologia de análise documental elaborada a partir de levantamento bibliográfico acerca do tema que foi gerado pelas vivências com os *Mbya* guarani e estudos com o grupo de pesquisa Geografando os Territórios. Saídas a campo para a aldeia Araça’í possibilitaram uma aproximação



do tema, que ainda será mais relevante na medida em que for aplicado na prática dos roçados na *Tekoa Araça'í*.

Foram utilizadas referências bibliográficas de textos e livros de Maria Inês Ladeira, fonte riquíssima de conhecimento sobre esse povo, além de Raoni Kriegel, que fez um estudo com os Mbya da aldeia Araça'í relacionando suas práticas com a agroecologia, Naomi Mayer, que baseou sua dissertação de mestrado na relação dos Mbya guarani da ilha da Cottinga, litoral do Paraná com o milho sagrado, *avaxy eteí*. Além desses, o site do Instituto Socioambiental (ISA) foi de grande utilidade para entendimento do modo de vida do povo Mbya guarani como um todo.

Resultados e Discussão

A importância do tema da soberania alimentar indígena é urgente e muito atual pois as populações indígenas estão vulneráveis à fome, à degradação de seus territórios, à uma intervenção negativa do Estado, à mercê de garimpo ilegal, poluição de seus rios, desmatamento, degradação dos seus ecossistemas etc. Em visitas à aldeia *Kalipety*, ficou evidenciada a busca pela soberania alimentar e autonomia, para além de uma forma de subsistência e resiliência do agroecossistema no território de floresta.

A compreensão que marca uma oposição entre a agricultura vinculada às sociedades capitalistas em que a produção é caracterizada por uma concepção mercantil, a relação dos povos originários com seus alimentos ancestrais, as sementes e cultivares, até mesmo os plantios, compõem a cultura e a cosmologia guarani e possibilitaram, juntamente com outras estratégias territoriais, que suas sociedades perdurassem ao longo dos séculos.

O grupo de pesquisa Geografando os Territórios, coletivo da UFPR Litoral, desde 2017 têm apoiado a aldeia *Araça'í* no feito de sua cartografia social que evidenciou que seus territórios praticados foram se constituindo no e com o bioma mata atlântica, da Serra do Mar que, em algumas altitudes é composta também pela Mata de Araucária. Em 2022, teve início o atual estudo, em forma de iniciação científica, com o propósito de levantar ações agroecológicas da *Teko'a Araça'í*.

A partir de uma conversa com o *Xamoĩ*, líder espiritual da aldeia, foi possível identificar a maior preocupação dele em relação às roças: “os jovens precisam aprender como plantar”. Segundo relato de um dos integrantes do grupo, para o *Xamoĩ* é preciso estar nesse mundo ensinando os mais jovens.

Para os Guarani, a agricultura é a atividade estrutural da vida comunitária. Pode-se dizer que, para os Mbya o significado da agricultura se encontra na sua própria possibilidade de realização e no que isto implica: organização interna, reciprocidade, intercâmbios de sementes e espécies, experimentos, rituais, renovação dos ciclos. Desse modo, a agricultura faz parte de um sistema mais amplo que envolve aspectos da organização social e princípios éticos e simbólicos fundamentados antes na dinâmica temporal



de renovação dos ciclos, do que na quantidade e disponibilidade de alimento para consumo. (LADEIRA, 2001, p. 176).

Pode-se dizer que os Mbya não vivem da agricultura, porém não vivem sem ela. (ISA, s.d., s.p.). Os Guarani, além de carregarem o estigma de “índios aculturados”, em virtude do uso de roupas e de outros bens e alimentos industrializados impostos pela sociedade envolvente, são considerados como errantes ou nômades, “vindos do Paraguai”, evidenciando o desconhecimento do seu modo de existirem. Esse fato, aliado à aversão dos Guarani em brigar por terra por entenderem que confrontos diretos por terras e territórios com grupos hegemônicos levariam ao seu desaparecimento, foi distorcido de seu significado e utilizado para reiterar a tese, difundida entre os não indígenas de que os Guarani não precisavam de terra pois nem “lutavam” por ela. Dessa forma, favorecendo os interesses econômicos especulativos, pretendia-se deslegitimar a ocupação guarani nas encostas da Serra do Mar e adjacências, negando-lhes, sistematicamente, o direito à terra. (LADEIRA, 1992)

Esses lugares, procurados ainda hoje pelos Mbya para a organização de seus assentamentos, apresentam elementos da flora e da fauna típicos da Mata Atlântica, com suas formações rochosas e, em muitos casos, resquícios de edificações antigas, indícios que confirmam essa tradição. Formar aldeias nesses lugares ‘eleitos’ significa estar mais perto do mundo celestial, pois, para muitos, é a partir desses locais que o acesso a *Yvy Marãey*, ‘terra sem mal’, é facilitado - objetivo histórico perpetuado pelos Mbya através de seus mitos (Ladeira, 1992, 1997 apud ISA, s.d.).

A primeira preocupação para sua perpetuação é que o seu território sagrado, onde podem viver no seu *Teko’a*, seja demarcado e homologado, garantindo assim seu *Nhande Rekõ*, seu modo de vida Mbya Guarani. Segundo a tradição, dentro de sua cosmovisão, as matas foram feitas para eles viverem nelas e com elas.

Há muito da cosmovisão guarani acerca do local destinado a cada atividade, o que demonstra o cuidado e a preservação do meio ambiente em que vivem:

Kaguy ete, matas autênticas, são as matas primárias e férteis, que guardam plantas medicinais, frutos, cipós, árvores de porte e devem abrigar todas as espécies vegetais do acervo Guarani. *Kaguy porã* são as matas saudáveis, onde vivem os animais originais, em sua diversidade. *Kaguy poru ey* são áreas de matas intocadas e intocáveis, que nunca foram pisadas, nunca foram mexidas, nem podem ser usadas pelos homens e “estão nos morros muito altos”. Em *Kaguy poru ey* ficam e se protegem os “seres da natureza”. A vegetação é mais fechada, não há trilhas. (...) *Kagüy yvĩ* são as matas baixas, as capoeiras, onde escolhem áreas para as roças (*kokue*), encontram ou cultivam ervas e material para artesanato. *Kaguy rive* já não servem para usar, os animais não chegam e não encontram árvores (*yvyra*) ou plantas apropriadas. Yapo são locais de lama, barro. (LADEIRA, 2001, p. 155)



Ao longo dos séculos, a tradição guarani vem resguardando os alimentos sagrados para seu povo. A começar pelo milho sagrado, o *avaxi etei*, que é, além de alimento:

As roças feitas com sementes tradicionais, (*avaxi etei*, *kumanda etei* etc.) não produzem quantidade suficiente para atender a toda demanda alimentar das comunidades. Entretanto, somente elas possibilitam a preparação e o cumprimento dos rituais coletivos (o *nheemongarai*, o *tembiu aguyje*) garantindo, além da renovação dos ciclos, a reciprocidade [...] O calendário agrícola e os ciclos da lua condicionam o planejamento das demais atividades sociais e de subsistência da aldeia (visitas entre aldeias, confecção e venda do artesanato, caça). De toda a forma, é após a colheita do milho tradicional Guarani (*avaxi etei*) que realizam a cerimônia do batismo do milho e das crianças (*nheemongarai*). ” (LADEIRA, 2001, p. 180)

A passagem do outono/inverno, *Ara Yma*, marca o momento de preparar a terra, é preciso haver percepção do momento e estação em que estamos, e formar o alimento em torno do sagrado. A agricultura é o ato de baixar o céu na Terra.

Ara pyau (tempos novos, primavera/verão) e *Ara Yma* são o que definem os ciclos de atividades na *Tekoa*. Em cada tempo, a lua (*Jaxy*) tem que dar “seis” voltas. Quando *Tokoiro* (cigarra) canta, é um sinal de que já chegou a época de plantio em *Ara Pyau*. Antes dos primeiros plantios, realizam o benzimento (*nheemongarai*) das sementes: *avaxi karai*, *jety karai*, *kumanda karai* (benzimento do milho, batata doce, feijão guarani). “Os mais velhos, os mais idosos é que conhecem bem quando é a época do plantio”. Em qualquer fase da lua se pode realizar o *nheemongarai* dos alimentos colhidos na roça. “A escolha do dia é o pajé que sabe. Na sabedoria dos Guarani, é assim: se eu tenho bastante milho, mandioca, batata, então, na primeira colheita, eu não posso pegar assim uma espiga e comer sem ter feito *nhemongarai*. Então, na primeira colheita, os pajés têm que benzer antes de se comer”. (LADEIRA, 2001, p.177). Com isso, transformam as plantas em alimento.

Quando amadurecer os frutos de tuas roças, darão de comer aos de tua tribo, sem exceção alguma. Para que se fartem todos é que os frutos chegam a amadurecer, e não para que sejam objetos de avareza. Dando de comer a teu próximo, virão os de cima que ama aos do assento de teus fogões (*tekoa/tataypy-rupa*) e eles adicionarão dias à tua vida, para que repetidas vezes possas voltar a semear. (CADOGAN, 1948 apud AZANHA; LADEIRA, 1988 apud LADEIRA, 2001, p. 177).

A agricultura é atividade integradora no *tekoa*, supondo um estado de identificação de grupos familiares com o lugar, o que permite cumprir um calendário das atividades e os ciclos dos rituais. Pode-se dizer que condiciona e está condicionada à existência do *Tekoa*. (LADEIRA, 2001, p. 177)



Conclusões

A bibliografia acerca dos Mbya Guarani é muito extensa, sendo assim, este resumo não abrange a totalidade e complexidade nem ao menos do tema da alimentação, quanto mais de sua realidade atual.

O modo de vida guarani, *Nhande Rekõ*, aparentemente também vive uma constante mudança. Os guarani estão há muito tempo no convívio com os não indígenas e, apesar disso, conseguiram manter muitas de suas tradições, apesar de serem afetados por ilusões do mundo capitalista, sua língua, seus territórios, sua cultura resiste ao longo de vários séculos. Muitos dos mais velhos nem sabem falar o português, não vão à cidade. Muitos escolhem ficar apenas nas aldeias. Isso é uma forma de viverem apenas no seu *Tekoa* ao seu modo, estratégia de resistência exitosa tendo em vista que habitam seus territórios muito antes das invasões coloniais. As formas de convivência com os outros vêm sendo incorporadas na sua definição de mundo, assim como suas regras próprias de coabitação no interior da sociedade Guarani passam por constantes transformações.

Nhanhoty (vamos plantar) é uma expressão que nos convida a plantar em coletivo, ato que reproduz os ciclos e ritos da cultura guarani. A agricultura é de grande importância para os Mbya guarani, sendo eixo estruturante da vida em coletivo.

Está expresso nessa palavra em Mbya guarani, a continuidade do trabalho e pesquisa em andamento que nos convida a vivenciar junto à Araça'í, nos aprendizados junto ao *Xamoĩ* e *Xariy* e um grupo de jovens da comunidade, esse espaço de trocas de experiências enquanto preparamos o solo e plantamos, incentivando a retomada desses etnoconhecimentos a serem socializados aos jovens da aldeia. Este levantamento e estudo prévio servirá de base para entender o que os mais velhos da aldeia têm a ensinar para os jovens da Araça'í e para nós do grupo de pesquisa.

Referências bibliográficas

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas do Brasil, Mbyá guarani**. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani_Mbya. Acesso em: 11/07/2023.

KRIEGEL, R. K; AZEVEDO, E. O.; SILVA, F. F. Relação do grupo indígena Mybiá com o meio ambiente: alicerces da agroecologia. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 211-226, jan. / abr. 2014.

LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz: Território Mbya à beira do oceano**. 1992. Dissertação de Mestrado em Antropologia – Pontifícia Universidade Católica - PUC.



LADEIRA, M. I. **Espaço Geográfico Guarani-mbya: significado constituição e uso**, 2001. Tese de Doutorado em Geografia Humana – FFLCH/ Universidade de São Paulo – USP.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e de territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência Latino-Americano. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2006.v8i16.a13521>.